

“A LITERATURA ANTIGA DO NORTE - ISLÂNDIA” (1887), DE WILLIAM MORRIS: TRADUÇÃO ANOTADA

“THE EARLY LITERATURE OF THE NORTH - ICELAND” (1887), BY WILLIAM MORRIS: ANNOTATED TRANSLATION

Isabelle Maria Soares¹

Resumo: A palestra “A Literatura Antiga do Norte - Islândia” (“*The Early Literature of the North - Iceland*”), proferida por William Morris (1834-1896), em 9 de outubro de 1887, em uma reunião patrocinada pela filial da Liga Socialista (*Socialist League*) de Hammersmith, é aqui apresentada e traduzida para a língua portuguesa com o objetivo principal de popularizar em contexto lusófono a obra do artista vitoriano, valorizando, dessa forma, a sua intensa dedicação no reavivamento da Literatura Nórdico-Islandesa Antiga, e da cultura do medievo de modo geral, na arte e literatura inglesa.

Palavras-chave: William Morris; Literatura Nórdica; Islândia; tradução.

Abstract: The speech “The Early Literature of the North - Iceland,” delivered by William Morris (1834-1896) on October 9, 1887, at a meeting sponsored by the Hammersmith branch of the Socialist League is here presented and translated into Portuguese with the main objective of popularizing the work of the Victorian artist within a Lusophone context, thereby highlighting his profound dedication to the revival of Old Norse-Icelandic Literature, and of medieval culture in general, in English art and literature.

Keywords: William Morris; Norse Literature; Iceland; translation.

Introdução

A palestra “*The Early Literature of the North - Iceland*”, aqui traduzida para “A Literatura Antiga do Norte - Islândia”, foi proferida pelo polímata² vitoriano William Morris (1834-1896)

¹ Doutora em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Durante o doutorado, foi pesquisadora visitante na Universidade de Cardiff e na Universidade da Islândia com bolsas financiadas pela CAPES. E-mail: isamariares@gmail.com Orcid: 0000-0003-0003-0798

² William Morris foi um vitoriano que se destacou como poeta, escritor, tradutor, editor, artesão, designer e ativista socialista.

em 9 de outubro de 1887, em uma reunião patrocinada pela filial da Liga Socialista (*Socialist League*)³ de Hammersmith, realizada na Kelmscott House, em Hammersmith, Inglaterra. Nessa altura de sua vida, Morris já havia visitado a Islândia duas vezes (em 1871 e novamente em 1873), traduzido várias sagas do islandês para o inglês e escrito seu poema épico *The Story of Sigurd the Volsung and the Fall of the Niblungs* (1876), uma releitura da famosa Lenda Nórdica dos Volsungos contada pela *Völsunga Saga* e por partes das duas *Eddas*.

Nas palavras de Carl Phelpstead (2020, p. 277, tradução minha)⁴, William Morris foi “o islandófilo mais célebre da Grã-Bretanha Vitoriana tardia”, haja vista o seu comprometimento em aproximar a cultura inglesa da Literatura Nórdico-Islandesa Antiga. Em 1883, Morris declarou-se socialista, tornando-se membro ativo de círculos de debates políticos, a exemplo da “Liga Socialista”, para a qual ele palestrou o ensaio aqui traduzido. De acordo com Alessandro Zironi (2016), o aprofundamento de Morris na cultura e literatura nórdicas, especialmente naquela produzida na Islândia, contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento do seu pensamento político, de modo que as suas percepções, inspirações, traduções e releituras do material nórdico-islandês acompanharam o seu engajamento ao socialismo. Como o próprio texto aqui traduzido é capaz de indicar, Morris via na Islândia um modelo de sociedade, posto que era calcada em princípios de simplicidade, igualdade, cooperação e, em especial, respeito à Natureza. Vale pontuar que, por testemunhar o fortalecimento da industrialização que degradava as paisagens naturais de seu país, Morris também se consolidou como um grande defensor do meio ambiente por meio de sua arte literária, pictórica e arquitetônica⁵ e de seus discursos políticos. Morris enfaticamente inseria nas suas pautas socialistas a defesa de que a Natureza não deveria ser tratada como mero recurso de exploração e extração pelos seres humanos, enfatizando, portanto, que a justiça social deveria andar lado a lado com a justiça ambiental para alcançar um estado perfeito de sociedade, no qual o trabalho, a arte, o lazer, o meio ambiente deveriam estar totalmente em equilíbrio e comunhão com o ser humano. Tendo isso em vista, a partir de 1990, de acordo com

³ Morris se declarou socialista em 1883, tornando-se muito ativo nos assuntos políticos de seu país (Sayre & Löwy, 2021).

⁴ “ [...] late Victorian Britain’s most celebrated Icelandophile” (Phelpstead, 2020, p. 277).

⁵ Vale anotar aqui que Morris foi um dos membros da “Irmandade Pré-Rafaelita” (“*Pre-Raphaelite Brotherhood*”), grupo de artistas ingleses vitorianos cuja arte demonstrava fascínio por temas da Natureza e da cultura medieval.

Gillian Macdonald (2015), o termo “ecossocialista” começou a ser utilizado pela academia para caracterizar o pensamento político de Morris: um socialismo pautado em questões ecológicas.

A obra diversificada e o pensamento de Morris podem ser definidos, portanto, como um intenso diálogo entre arte, socialismo, meio ambiente, medievalismo, cultura nórdica e Islândia. Todos esses aspectos ecoam na tradução aqui apresentada. Dessa forma, com “A Literatura Antiga do Norte - Islândia”, Morris objetivou não apenas apresentar a história e cultura da Islândia a seus conterrâneos socialistas, mas principalmente apontar para eles os princípios de uma sociedade com potencial de inspirar o seu ativismo social. Para tanto, ele focou principalmente em três aspectos principais da Islândia: iniciou destacando a beleza da Natureza única que a Islândia possui, resultante da sua localização geográfica e de características peculiares de suas paisagens; continuou resumindo a história da colonização da ilha e da formação da sociedade islandesa; e finalizou comentando sobre a produção literária, citando várias sagas e outros textos da Literatura Nórdico-Islandesa Antiga.

Com a ajuda de seu amigo islandês Eiríkr Magnússon (1833-1913), que conheceu em 1868, Morris foi um dos poucos vitorianos que experimentou uma verdadeira imersão na cultura islandesa. De acordo com Paul Acker (2021), iniciando com a tradução de *Gunnlaugs saga ormstungu* (Saga de Gunnlaug Língua-de-Serpente), publicada pela primeira vez em 1869 com título *The Story of Gunnlaug the Worm-tongue*, Morris e Magnússon desenvolveram um trabalho colaborativo que resultou em mais de 30 traduções de sagas islandesas para a língua inglesa. Inclusive, algumas das sagas citadas por Morris na palestra aqui apresentada foram traduzidas para o inglês por ele e Magnússon. Para aquelas que encontrei uma versão disponível online, disponibilizei o *link* em nota de rodapé.

O texto original “*The Early Literature of the North - Iceland*” não acompanha notas de rodapé nem referências bibliográficas. Portanto, os comentários em notas de rodapé desta tradução são de minha autoria, acompanhados de suas devidas referências.

ORIGINAL:

THE EARLY LITERATURE OF THE NORTH - ICELAND

William Morris, 1887

If you look at the map of Europe, you will see in its north-western corner lying just under the Arctic circle a large island considerably bigger than Ireland. If you were to take ship and go there you would find it a country very remarkable in aspect, little more than a desert, yet the most romantic of all deserts even to look at: a huge volcanic mass still liable to eruptions of mud, ashes, and lava, and which in the middle of the 18th century was the scene of the most tremendous outpour of lava that history records. Anyone travelling there I think would be apt to hope, if he knew nothing of its history, that its terrific and melancholy beauty might have once been illumined by a history worthy of its strangeness: nor would he hope in vain: for the island I am speaking of is called Iceland.

It is a country of no account whatever commercially: the whole centre of the island being high above the level of the sea is a desert indeed, partly glacier, partly rough rock and black volcanic sand, the moraines I suppose of ancient glaciers across which the wind sweeps with a fury unknown in these islands forbidding any vegetation to rise above a few inches from the ground unless there is some special defense against it: here and there in favoured spots (I am speaking of these deserts) a little short grass grows, sweet on the hill slopes, on the low ground boggy and sour, dominated by that most grievous melancholy of all plants the cotton rush: elsewhere is nothing save moss, sea-pink, stone-crop (pretty flowers these last), and above all a dwarf willow which keeps on growing and dying, the bleached stems of the perished parts looking like white bones on the black soil (*sprengi-sand*). It is not a thirsty desert however; every valley almost has water in it and huge rivers rush toward the sea from the glaciers, turbid and white with the grinding of the ice, cleaving for themselves the most fantastic channels amid the block of lava and basalt. Awful looking are these Icelandic wastes, yet beautiful to a man with eyes and heart, and perhaps on the whole the healthiest spot in the world.

Round the sea coasts and along the rivers near it lives what population the island can support about 60,000: the grass sweet enough on the slopes there if they get any sun on them; sheep are bred everywhere, well-knit little beasts with a surprising power of jumping, and produce a fine, silky wool valuable enough if there were but more of them: cows also can be fed, but in many places not many, and also in some places, the chief wealth of the island sturdy little ponies, a good few of whom are natural pacers, and very agreeable beasts to ride: and consequently no Icelander walks a mile if he can help it. As you go down one of the long

valleys, which always has a river through it if you see on the hill-side a patch of emerald green and some low gabled sheds almost like grey tents rising from it: this is a homestead with its surrounding *tún* or home mead where the sheep are penned in the winter. I must not go into a description of modern Icelandic life, so I will only tell you that these homesteads are very populous, and more than one family commonly lives in each including possibly paupers, and (it used to be) sometimes criminals. Of the people there is little to be said save praise: they are kind, hospitable, and honest, and have no class of degradation at any rate, and don't take kindly to bullying: they are quick-witted, very talkative when they get over their first shyness, and mostly well-educated as things go: a friendly and refined people in short: implacably exploited by the Danish and Scotch dealers who sell them their necessities and poor little comforts but otherwise, as I said a mere drop in the commercial ocean. But the interest in them which their hard life and the courage and good temper with which they take it cannot fail to awaken in every man of good will, is enormously increased when we bethink us of what these good-fellows really are: they are the representatives, a little mingled with Irish blood, of the Gothic family of the great Germanic race: their forefathers fled before 'the violence of kings and scoundrels', as they worded it, to save their free tribal customs for a while in that romantic desert, and of their indomitable courage and strong individuality it befell that the rugged volcanic mass has become the casket which has preserved the records of the traditions and religion of the Gothic tribes, and collaterally of the Teutonic also; the instrument of this preservation is the language of their fathers, which is still current amongst them almost intact; the shepherd boy on the hill-side, the fisherman in the firth still chant the songs that preserve the religion of the Germanic race, and the most illiterate are absolutely familiar with the whole of the rich literature of their country, and know more of the Haralds and the Olafs of the tenth and eleventh centuries than most of our 'cultivated' persons know of Oliver Cromwell or William Pitt. Therefore I look upon these poor people with a peculiar affection and their country is to me a Holy Land.

I must tell you now briefly how these people cognate to our own dominant race got to their Isle of Refuge, and then say a little of the character of their literature, but really only as a kind of introduction to the subject.

I have said before in this room that a kind of native feudalism developed of itself in Norway as in England: a certain number of the old tribal chiefs yielded, generally very

sullenly, to the claims of the overlord, but the bolder spirits could not stomach it and resisted King Harald Fairhair, with whom indeed history in the North begins, with all their might: this resistance culminated in the great battle of Hafrsfiorð (Goat-firth) on the Norway coast in which the king was triumphant, and the malcontent chiefs had to submit or seek their fortunes elsewhere: Russia, Normandy, England, Ireland, the islands of Scotland felt the effects for good and for evil of the emigration which followed: but where the Norsemen settled themselves amongst important populations whom their desperate courage had overcome, as notably in Normandy, they gradually mingled with the native population and soon lost their language and traditions. With the settlers in Iceland it was different: the land was uninhabited, they brought with them their tribal customs and traditions and kept them for long together with their language: this of course was the deliberate intention of the emigrants: the chief who fled before 'kings and scoundrels' as we are told the pillars of his high-seat on which Thor, the favourite God of the North was carved, and when they neared the land threw them overboard for the wind and tide to carry: then when he landed the chief went along the coast till he found the spot 'where Thor was come a-land'. And there once more the home was founded, the chief claiming the land he needed by going around it with fire: of course many adventurers came out who had so such pretensions to leadership as these besides the freemen and freedmen who went out with the chief and his thralls many of whom he freed and gave land to on his coming to the new country; all these would form a kind of following to the chief, who presently on settling formed a priesthood as it was called and undertook the necessary religious rites and the care and guardianship of the thingstead, the place of meeting, over which he presided, and which was what would now be called the seat of government, the parliament, and the law court of the district: there about the middle of June all the freemen of the district met, and quarrels were prosecuted or arranged, fines imposed, and offenses taken note of and dealt with, all in the open air; no court being allowed to be held within doors or on cultivated ground (*ne en akri nè engi*). All this sounds very systematic and orderly; and indeed in many of the sagas, whereof more hereafter, there is a great deal of law-quibbling of course always founded on custom and precedent. One thing you must remember however, that though our present Society is founded on a state of things very like this, this state of things was really so very different from ours in spite of our using the same words as our forefathers, that many people find it a difficulty even in conceiving of it. Political society was not yet founded; personal

relations between men were what was considered and not territorial: when a priest or chief moved as sometimes happened, many of his thing-men accompanied him, there was no political territorial unit to which loyalty was exacted. Crime in our sense of the word was not taken cognizance of: violence was an offense not against a state but against a person: protection of persons or goods had to be sought from the blood relations who were bound to proceed against the injurer: payment of the fines imposed by the courts [was] enforced by the relations, the gens, of the injured man, the offender having that protection formally withdrawn from him; he was made an outlaw as the phrase goes; that is those that held the feud against him could kill him without incurring any responsibility of fine or of having a legal feud raised against [them]. The morality of the time was enforced purely by public opinion, a shabby or treacherous action was looked upon as something quite different from a legal offense, condemnation for which latter involving no kind of disgrace: and even when a man slew his enemy in a just quarrel he had to pay for him; though where the wrong was flagrant he could kill him at a less expense than otherwise (Gunnar). All this you must understand was not mere private war and revenge and consequent confusion but simply a different system to our politico-territorial system, and was based as I said on the equal personal rights of all freedmen: you must remember that this society was an exact model of that which obtained in Norway and the rest of Scandinavia before the emigration; and also that the incomplete Feudality introduced by Harald Fairhair by no means entirely superseded it there.

As to the manners of these early settlers they were naturally exceedingly simple, yet not lacking in dignity: contrary to the absurd feeling of [piece of MSS missing] ... the feudal or hierarchical period manual labour was far from being considered a disgrace: the mythical heroes have often nearly as much fame given them for their skill as weapon-smiths as for their fighting qualities; it was necessary of course for a northman to understand sailing a ship, and the sweeps on board their long-ships or fighting craft were not manned by slaves but by the fighting men themselves; all this is perhaps a matter of course, but in addition the greatest men lent a hand in ordinary field and house work, pretty much as they do in the Homeric poems: one chief is working in his hay-field at a crisis of his fortune; another is mending a gate, a third sowing his corn, his cloak and sword laid by in a corner of the field: another is a great house builder, another a ship builder: one chief says to his brother one eventful morning:

there's the calf to be killed and the Viking to be fought. Which of us shall kill the calf and which shall fight the Viking?

The position of women was good in this society, the married couple being pretty much on an equality: there are many stories told of women divorcing themselves for some insult or offense, a blow being considered enough excuse. I am bound to say too that the women claimed and obtained immunity for responsibility of their violence on the score of their being 'weak women' in a way which would offend our comrade Bax seriously.

Self-restraint was a virtue sure to be thought much of among a people whose religion was practically courage: in all the stories of the north failure is never reckoned a disgrace, but it *is* reckoned a disgrace not to bear it with equanimity, and to wear's one's heart on one's sleeve is not well thought of. Tears are not common in Northern stories though they sometimes come in curiously as in the case of Slaying Glum, of whom it is told that when some one of his exploits was at hand he was apt to have a sudden excess of weeping, the tears rattling on the floor like hailstones; this of course was involuntary and purely physical. For the rest I repeat self restraint of all kinds is a necessary virtue before a man can claim any respect in the Northern stories. Grettir coming home from abroad learns as soon as he sets foot on shore that his father is dead, his eldest brother slain, and he himself outlawed, and changes countenance in no wise. Ingiald of the Wells when he hears of the death of Njal falls down in a faint and the blood gushes out of his ears and nose; when he comes to himself he reproaches himself for behaving like a weak woman. Another chief after a battle sits down to have his breeches drawn off; the thrall pulls and pulls and they won't come: truly says he you sons of Snorri may be thought great dandies if you wear your breeches so tight. The chief bids him feel up his thigh, and lo there is a broken arrow-shaft nailing his breeches to him, of which he scorned to complain. The tales of heroes very often begin with the young man coming to a strange place and being apparently loutish, stupid, and slothful, lying raking in the ashes, the butt of everybody's scorn and especially of some loud-mouthed braggart, till at last the time for action comes, the cinder-raker rises like a God, the braggart's head spins off, and the hero is made manifest by his deeds. 'Many a man lies hid within himself', says the proverb.

Nevertheless a hard and grasping side to the character of the heroes is not uncommon, and this especially in money matters, which contrasts disagreeably enough with the heroes of Arab romance: something at least may here be put down to the harshness of the northern

climate and the hard fight for life there; and after all a good deal to the love of realism which distinguishes the tellers of the stories themselves. Yet there are plenty of examples of generosity and magnanimity too; e.g. the dealings between the two friends Gunnar and Njal in the noble story of the Burnt Njal are matchless for manly and farsighted friendliness in the midst of the most trying surroundings. The end of the same story recounts how Kari, wrecked on the coast near where his great enemy Flosi dwells, walks straight up to the house and into the hall where Flosi is sitting and greets him, Flosi returns the greeting of the unarmed, solitary man, embraces him, and the feud is at an end. Or take the story of Ingimund the Old the chief of Waterdale: Ingimund harbours an ill-conditioned scoundrel who is neither to hold or to bind: one day a messenger comes to tell him that this rascal is quarrelling with his sons down by the river: Ingimund who is blind as well as old rides down there led by a little lad, and upbraids the rascal who in turn throws his spear across the water and decamps: Ingimund turns away and home: as the boy helps him off his horse he thinks the old man slow to dismount and says to him 'you're stiff today, father'. Old men are used to be so, says Ingimund: the boy leads him into the hall and Ingimund sits down in the high seat; it begins to get dusk: the boy says shall we light up: no says Ingimund not yet: so there he sits until it gets quite dark, and at last the son comes in, and as he walks toward the high seat stumbles and saves himself with his hand, and feels that it is wet from the floor: he has a terrible inkling; cries out for a light, and when it comes to his hand is stained red, and there sits his father Ingimund dead in his high seat, the shaft of the scoundrel's spear hidden under his cloak: he had hidden his wound and died in the dark to keep the affair from his son until the scoundrel who slew him and whom he had heaped with benefits before should have time to escape pursuit.

The sequel of the story is too tragic and not to be told: Ingimund had two freedmen to whom he had given land and when the news of his death came to one of them he drew his 'sax' or short sword and saying, if Ingimund is dead the world is not good for me, he stabbed himself mortally, and before he died pulled out the weapon and giving it to the messenger said take this to so and so the other freedman, and tell him what you have seen: and so died; and when the messenger gave the sax to the other he followed his example at once.

Again it must be admitted that our Norsemen were not above using the weapons of deceit in their struggles for life and fortune: but when they do so it is as an act of war: compare the curious passage in the XIII book of the Odyssey where Athene, a Goddess, is delighted

with Odysseus for telling her an intricate series of lies; which indeed he is always doing, and cannot even resist the temptation of one last lie at the expense of his poor old father, which from my modern point of view I really think was too bad: again in book XIX Autolycus, Odysseus' mother's father, is spoken of as outdoing all men 'in thievery and skill in swearing', clearly with approval, of which cases again remember that in the Homeric literature and in the Norse it was peace within the gens or tribe and war always outside it; a lie or deceit therefore was like an ambush in war. Anyhow though the Northman would lie to his enemy like old Slaying Glum who, skillful in oaths like Autolycus, swore himself off in court by a grammatical quibble, yet he would not lie to his friend and still less to himself - which latter is the modern method and the parent of all falseness. The Northman considered it disgraceful to brag, to make more than enough of a victory gained and still more to blacken the fame of a conquered enemy, which no doubt his instinct showed him was the stupidest of slanders, since if your enemy is an incompetent coward, the less is your glory if you beat him, and the more your shame if he beats you.

Icelandic literature as I have hinted has preserved for us the religious mythology which was largely common to all the Germanic tribes: it is really much akin to that of the classical peoples: but as was likely to be from the simplicity of the people the Gods are more obviously than in other mythologies the reflexion of their worshippers: good-tempered and placable though as fierce as you please, with no liking for or indeed endurance of servility and no complaisance for cowardice or yielding, kind to their friends and hard to their foes, it must be said that Norse Gods are distinctly *good-fellows*, and really about the best that mankind has made. In one point they are very specially a reflex of the man; that though [they] are long-lived they are not immortal, but lie under the same fate as mankind. The day is to come when the forces of evil that they have chained and repressed shall at last break loose, and the good and evil of man's age and the Gods who have ruled over it shall meet in mortal conflict at last, and after fierce battle destroy each other. It is for this great battle that all valiant men on earth are preparing, and when they leave the earth, and go to the halls of Odin, they still as of old have to go on with their training and fight and the semblance of fight is still their business in Valhall, the Hall of the War-Slain, as it was on earth. Before this great day of battle it will be evil days with the world: as the Vala sings in the great mythological poem the Vala's Foretelling:

Then Brethren shall battle
And be bane of each other
And the sons of one sister
Their kindred shall spill.
Hard times in the world then
And mighty the whoredom:
An axe age a sword age
The shields shall be cloven
A wind age a wolf age
Before the world waneth.

Says the writer of the prose Edda.

The Fimbul winter the winter of horror, five winters with ne'er a summer between shall come before the Gloom of the Gods: men would have grown puny and weak-hearted all heroes and bold-hearts would have gone home to Odin to fight and to fall in the last battle of worldly good and evil. But man alive cannot conceive of his ending: a new world is to arise from the wrack of the old; the golden tables whereon Aesir played in the early days shall be found in the grass, the acres shall wax unsown, all bale shall be bettered; Balder the bright God of peace and beauty, shall come back he who in the older days no weapon would hurt, so that he would stand up in the Gods' Hall and let all cast their spears at him unharmed, till at last the evil God Loki put in the hand of the blind God Hod a twig of mistletoe and the little crooked twig of the plant without root and without fruit cast fatefully from the hands of a blind God slew the pleasure and glory of God-home: he now shall come back and his slayer Hod with him and they shall dwell in the Golden Hall of Gimli and the world new-peopled shall be at peace.

Of course all this can be explained in various ways by various kinds of ingenuity: to some it even seems a mere reflex of Christianity: but it seems rather a paradox to maintain that one of the most vigorous branches of the most progressive races in the world could not have a mythology developed by themselves; and since the songs on which the mythology is based were collected by the men who had become Christians, the great collection even going by the name of a Christian priest, one Saemund, it would seem strange that if there were any Christianity in it there should be so little. To my mind it seems rather to be derived from and coloured by the same dualism which overlaid the ancient nature-worship of the Persians, and formed the very long-lived religion still maintained by the Parsees.

Anyhow it is very clearly the reflex of the lives and ethics of the northern peoples whose real religion was the worship of Courage: their morality is simple enough: strive to win fair fame is the one precept: says *Havamal*.

Waneth wealth, and fadeth friend
 And we ourselves shall die
 But fair fame dieth nevermore
 If well ye come thereby.

Be it understood that this was not the worship of success; on the contrary success that came without valour was somewhat despised: says the sagaman, e.g.: 'The *Knigtlinga* were very lucky men, but not very valorous'. Perhaps the serious consciousness of the final defeat of death made that mere success seem but poor to these men whereas the deeds done could no longer be touched by death. The practiced reader of a saga always knows when he is drawing near to the death of the hero; for the style heightens, the tale-teller remembers more poetry and a kind of halo seems to gild the presence of the man who is now about to make his fame safe forever.

I will now try briefly to give you an idea of what the Northern Literature consists of.

There are first the mythological songs preserved to us by the collectors of the 12th or 13th century of which the most complete is the *Vala's Foretelling* already mentioned besides which there are various poems containing stories of the Gods: The Lay of the Way-wearer telling in few but sublime words of Odin's journey to the underworld [to] bring back the slain Balder. The Fetching of the Hammer telling of Thor's recovery of his wonderful Hammer from the giant land; a strange grotesque piece, and others concerning the dealing of the Gods with the evil God Loki, and their final defeat of him till the day of God's Gloom. There is also a curious piece called the Lay of the High One, which is partly a mass of proverbial lore and partly a set of hints at magic. The *Rigsmal* is a curious poem telling of the visit of Heimdal one of the Gods to earth and his coming across the classes of man Earl, Carl, and Thrall.

These mythological poems form the first half of the songs of the Edda as the great collection of the early poems [is called] and I must say before I go further that a work the nominal scope of which is a treatise on poetic diction, attributed to Snorri Sturleson the historian of the 13th century and known as the prose or Younger Edda, has preserved a good

many of the legends of the Gods. The second part of the poetic Edda may be called the Romantic part of it: and contains stories of the heroes mostly with a genealogical tendency. The great story of these is the Niblung Tale which to modern readers is better known through the ballad epic, so to call it of the German poets of the 14th century under the name of the Need of the Nibelungs; to my mind this splendid work is a literary deduction from the Norse Poems and is not founded on a special or German ancient tradition. However this story of the Nibelungs has grown, and following it up through all its fragmentary songs and variants I must unhesitatingly call it the noblest and in a sense the completest story yet made by man, embracing the highest range of tragedy; passion, love, duty, valour, honour, in strife with the blind force of fate, vanquished by it, but living again in death in the souls of all the generations according to the words which the Homeric poet puts into the mouth of King Alcinous: "But this thing the Gods have fashioned and have spun the Deathful Day For Men; that for men hereafter might be the tale and the lay."

Again these Romantic early poems are supplemented by a mass of prose literature which gather[s] up the remembrance of other poems in the 13th and 14th centuries. The most important, though scarcely the most artistic of these is the book called the *Volsunga Saga* which has preserved in a quasi-connected form the glorious story of the Nibelungs aforesaid: some record of the poems totally lost is preserved also in the dreary Latin of Sax Gramm[aticus], a Danish Bishop of the 13th century, and another writer or two notably Adam of Bremen: one story in Saxo most English-speaking people have heard of: it is about a chieftain who pretended to be mad in order to revenge his father; his name was *Amloji*; but you will know him better by the name of *Hamlet* a queer corruption which is due to weary old Saxo's dog-latin in which he figures as Amlethus.

Leaving these romantic sagas for the present we now come to a very remarkable mass of literature, which is I think quite unparalleled, the historical sagas: these are wholly the work of the dwellers in that rugged desert isle of Iceland which I have told you of. They may be divided into the stories of Norway and incidently of other parts of Scandinavia together with the Orkneys, the Faroes, and Greenland even on the one hand and on the other stories of various families and their feuds in Iceland itself: In order to account for the first of these, you must know that it was customary for Icelandic adventurers to take service especially in their younger years with the Scandinavian lords and kings on the mainland, including the Russian

settlements and Gaeland and sometimes with the English kings, besides serving on occasion in the bodyguard of the Greek emperor at Constantinople (the Lions of Aegina). From the memories of these men which they carried back to their kindred in Iceland, which were often enshrined in verses of various degrees of merit grew up historical traditions of the scenes in which they had played a part; these were collected in connected tales of the reigns of the Kings, the chief collection being attributed to Snorri Sturleson who wrote the Prose Edda, and being named after its first words the *Heimskringla*: going through all the kings it begins with the confessedly mythical period and carries us down to the twelfth century. Snorri has been called the Herodotus of the North not inaptly as the history is told by way of anecdote as Herodotus tells his; but Snorri is far more personal and dramatic than the delightful old Ionian. Every character that he tells us of lives and moves before us, nor does any particle of partiality obscure the clearness of the pictures that he shows us: how often have I lamented that our own history has lacked such a poet, for Snorri was no less than that. Froissart alone amongst the medieval chroniclers can be named along-side of him: but then Snorri tells in a dozen words what the Hainalter would take several hundred to tell, and that with a shrewdness and keen wit which pierces through the very bones and marrow of his subject.

I have said Snorri: but after all these once for all are the characteristics of the Icelandic prose stories; you may think that their subject matter is undignified or petty, but certainly whatever they have to tell of they can make it most vividly clear to us, they are in short the best tellers of tales that have ever lived, and stuffed full of the closest detail as their stories are they are never long-winded: they at least escape the reproach of the Lacedaemonians to the Ionian envoys; 'It is very pretty but since we have forgotten the beginning we don't know what the end is about'.

Besides these King-Stories as they are called we have as I said the tales of family events or feuds in Iceland itself: these are very naturally the literature that the modern Iclander loves the most: almost all those patches of emerald green on the grey hill-side that I told you about are still identified as the spots where the ancient chieftains lived and fought and died: nay the spots where such and such events happened are still pointed out to the traveller by people who believe firmly in them, and in the long winter nights while the others mend their harness and carve and shape horn spoons and the women spin and card the wool some one reads to them the deeds of their forefathers, it may be on the very spots where their houses once stood.

Amongst the longer works of these Parish histories there are three which are at once the most artistic and the most admired by the people of the country. The story of Burnt Njal, The Story of Grettir the Strong, and that of Egil the Son of Skallagrim: Gisli the outlaw and Gunnlaug the Wormtongue bear off the bell, I think among the shorter tales: of all these I think Egil's Story is the most popular in Iceland: to us it would seem very rough and even ferocious in its manners; but it has the merit of containing three very fine poems traditionally the work of Egil himself: two out of the three are rhymed which is not usual in Icelandic poetry: they are in my opinion quite impossible to translate, so as to preserve any of their real merit. Another point of interest to us is that Egil's dealing were largely with England where he served King Aethelstane and was one of his Norse allies at the great battle of Brunanburgh. The Story of Grettir is intensely Icelandic; it is the tale of a valiant and physically strong man who was pursued by life-long ill-luck, and, being made an outlaw early in his career by the machinations of his enemies, sustained himself in those terrible wastes I was telling you of by dint of his indomitable courage and a kind of fierce generosity which makes him a very attractive character. But of all the domestic sagas that of Burnt Njal is certainly the finest: the characters amidst all their faults and even the crimes of some of them are on a high level of nobility and generosity quite unsurpassed in story: it perhaps adds to the interest of the tale that Njal himself the twin hero of the first part of the tale is not a warrior but plays the part throughout of the wise, kindly, and peacemaking neighbour: his warrior friend Gunnar is the darling of Icelandic history and so without more ado I will give you his portrait as drawn by the sagaman, which as far as his mental and moral qualities are concerned is fully borne out by the tale.

There was a man whose name was Gunnar. He was one of Unna's kinsmen, and his mother's name was Rannveig. Gunnar's father was named Hamond. Gunnar Hamond's son dwelt in Lithend, in the Fleetlithe. He was a tall man in growth, and a strong man - best skilled in arms of all men. He could cut or thrust or shoot if he chose as well with his left as with his right hand, and he smote so swiftly with his sword, that three seemed to flash through the air at once. He was the best shot with the bow of all men, and never missed his mark. He could leap more than his own height, with all his war gear, and as far backwards as forwards. He could swim like a seal, and there was no game in which it was any good for any one to strive with him; and so it has been said that no man was his match. He was handsome of feature,

and fair-skinned. His nose was straight, and a little turned up at the end. He was blue-eyed and bright-eyed, and ruddy-cheeked. His hair thick and of good hue, and hanging down in comely curls. The most courteous of men was he, of sturdy frame and strong will, bountiful and gentle, a fast friend, but hard to please when making them. He was wealthy in goods.

I am sorry to say that in this tale the women do not play an agreeable part, they are throughout the make-bates; and Hallgerð Long-Coat, Gunnar's wife and his ruin, has had many a curse laid on her grave down by the waters of the firth near to where the modern Reykjavik stands. Altogether I must say that the man who has read this tale and is not moved by it has no right to give an opinion on such matters.

The shorter story of Gunnlaug the Worm-Tongue is of much the same quality, but the passion of love plays an important part in it. Gisli the Outlaw is no worse except that it is shorter: its hero lives and falls much as Grettir.

There is another short story that of Howard the Halt which is wonderfully dramatic; it recounts the tale of an old man and the signal vengeance taken by him on a scoundrel who has murdered his son, a splendid and generous young man. The Tale of the Banded Man is an exceedingly humorous account of another old man's triumph: this time by the exercise of his mother wit over a set of powerful but somewhat stupid chieftains who had got on the hip of the gaffer's son, a man of the same quality as themselves. These are by no means the only sagas which show artistic qualities in the telling; but I think they are the best as to having a decided beginning, middle, and end.

The story of the dwellers at Ere is one of the most interesting of the pure chronicles. The Lax-dalers' Story, and that of [the] Waterdalers are also very interesting the former containing a very touching and beautiful tale, but it is not done justice to by the detail of the story. The detail of the Ere-dwellers' tale is as good as may be.

Besides these traditional-historical sagas there are a few called in contempt by the Icelanders Skrok sagas, that is nonsense-tales; in other words fictions: one at least of these, the story of Viglund the Fair is a very graceful and charming novelette.

Besides all this and a good many lost sagas the names of which still remain the Icelanders did a certain amount of translation: one of the best histories of Thomas Beckett is in Icelandic: the earliest form of the medieval tale of Tristram and Iseult is preserved in Icelandic: and several medieval Romances were also rendered in that tongue. In ballad literature and

purely oral tradition I don't think they are as rich as their kindred on the mainland; but some very beautiful ballads remain: and there is a very interesting collection of oral stories published not many years ago. I should have mentioned the Song Chronicle of the Sturtings called sometimes the Great Saga which carries on the history of the country till it lost its old tribal liberties and fell into the clutch of the Norway kings in the 13th century.

After this there is little of literary excellence till quite modern times, though some volumes of annals, dry reading enough exist: a curious little vol[ume] called the *Tyrkjáráns Saga* gives an account of the descent of the Algerine pirates on the island about 1630 and forms an interesting commentary on the state of Europe at that time.

I may finish by saying a word on the present condition of Iceland: they have suffered very much there from bad seasons of late: but I cannot help thinking that in spite of that they could live there very comfortably if they were to extinguish individualism there: the simplest possible form of co-operative commonwealth would suit their needs, and ought not to be hard to establish; as there is no crime there, and no criminal class or class of degradation and education is universal: and unless by some special perversity should the question of politics stand in the way: the only persons who would be losers by it would be the present exploiters of this brave and kind people: and if these men were all shipped off to - well to Davy Jones, there would be many a dry eye at their departure. I speak of this from the sincere affection I have for the Icelandic people who treated me so kindly when I was among them, and who are the descendants, and no unworthy ones, of the bravest men and the best tale-tellers whom the world has ever bred.

TRADUÇÃO:
A LITERATURA ANTIGA DO NORTE - ISLÂNDIA

William Morris (1887)

Se você observar o mapa da Europa, verá em seu canto noroeste, logo abaixo do Círculo Polar Ártico, uma grande ilha consideravelmente maior do que a Irlanda. Se você pegasse um

barco e fosse até lá, descobriria que se trata de um país de aspecto notável, um pouco mais do que um deserto, mas o mais romântico de todos os desertos, mesmo só de se contemplar: uma enorme massa vulcânica ainda sujeita a erupções de lama, cinzas e lava, e que em meados do século XVIII foi palco do mais tremendo derramamento de lava registrado pela história. Qualquer pessoa que viajasse para lá, creio eu, seria capaz de presumir, se não soubesse nada de sua história, que sua beleza fantástica e melancólica pudesse ter sido iluminada por uma história digna de sua estranheza; e não presumiria em vão: pois a ilha de que estou falando se chama Islândia.

É um país sem importância comercial: todo o centro da ilha, localizada bem acima do nível do mar, é um deserto de fato, em parte geleira, em parte rocha áspera e areia vulcânica preta, suponho que morenas⁶ de geleiras antigas pelas quais o vento varre com uma fúria inédita nestas ilhas, proibindo qualquer vegetação de crescer acima de alguns centímetros do solo, a menos que haja alguma defesa especial contra isso: aqui e ali, em locais favorecidos (estou falando desses desertos), cresce um pouco de grama baixa, suave e macia nas encostas das colinas, no terreno baixo pantanoso e talhado, dominada pela mais dolorosa melancolia de todas as plantas, o capim-algodão⁷: em outros lugares não há nada além de musgo, cravo-do-mar⁸, musgo-dourado⁹ (belas flores estas últimas) e, principalmente, um salgueiro-anão¹⁰ que continuamente cresce e morre, os caules descorados parecendo ossos brancos no solo preto

⁶ Do inglês *moraine*, que se refere geologicamente a uma massa de terra e rochas que são arrastadas e permanecem após o derretimento de uma geleira. Consultado em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/moraine> Acesso em 19 ago 2025

⁷ Do inglês *cotton rush*, que se refere ao gênero *Eriophorum*. Consultado em: <https://www.thefreedictionary.com/cotton+rush> Acesso em: 19 ago 2025. A tradução “capim-algodão” provém de termo sugerido em: <https://www.florindependencia.com.br/product-page/flor-cotonete> Acesso: 19 ago 2025.

⁸ Do inglês *sea-pink*, que se refere à espécie *Armeria maritima*. Consultado em: <https://www.thefreedictionary.com/sea-pink> Acesso em: 19 ago 2025. A tradução para “cravo-do-mar” provém de termo sugerido em: <https://www.jardineiro.net/plantas/cravo-do-mar-armeria-maritima.html> Acesso em: 19 ago 2025.

⁹ Do inglês *stone-crop*, referente a espécie *Sedum Acre*. Consultado em: <https://www.thefreedictionary.com/stonecrop> Acesso em: 19 ago 2025. Traduzi literalmente como “musgo-dourado” pelo nome popular sugerido em inglês em: <https://www.gardenia.net/plant/sedum-acre> Acesso em: 19 ago 2025

¹⁰ *Salix herbacea*. Consultado em: <https://www.thefreedictionary.com/dwarf+willow> Fiz a tradução literal do termo usado por Morris em inglês: “dwarf willow”.

(*sprengi-sand*¹¹). Não é um deserto sedento, no entanto; quase todos os vales têm água e rios enormes, vindos das geleiras, que correm em direção ao mar, turvos e brancos com o desgaste do gelo, fragmentando-se nos mais fantásticos canais em meio aos blocos de lava e basalto. De aparência trágica são esses ermos islandeses, mas belos para um homem com bons olhos e coração, e talvez, de modo geral, o lugar mais saudável do mundo.

Ao longo das costas marítimas e ao longo dos rios próximos a elas, vive a população que a ilha consegue suportar, cerca de 60.000. A grama fica bastante suave e macia nas encostas caso recebam um pouco de sol; ovelhas são criadas em todos os lugares, bichos pequenos e fortes com um poder de salto surpreendente, e que produzem uma lã fina e sedosa, bastante valiosa se houvesse mais desses animais. Vacas também podem ser alimentadas, mas na maioria dos lugares não há muitas. Também, em alguns lugares, há a principal riqueza da ilha, pequenos pôneis robustos, muitos dos quais são caminantes naturais e animais muito agradáveis para cavalgar; e, conseqüentemente, nenhum islandês anda uma milha a pé se puder evitar. Ao descer um dos longos vales, os quais sempre têm um rio que os atravessa, se você avistar na encosta da colina um pedaço de verde-esmeralda e alguns galpões baixos com arestas, quase como barracos cinzentos surgindo: esta é uma propriedade rural com seu *tún*¹² ou prado doméstico ao redor, onde as ovelhas ficam presas durante o inverno. Não devo entrar em uma descrição da vida islandesa moderna, então direi apenas que essas propriedades são muito povoadas, e mais de uma família comumente vive em cada uma delas, possivelmente incluindo pessoas muito pobres e (como se costumava ser uma vez) às vezes criminosos. Sobre o povo, pouco há para se dizer além de elogios. São gentis, hospitaleiros e honestos, não há entre eles nenhum tipo de classe degradada, e não aceitam intimidação com facilidade: são perspicazes, muito falantes quando superam a timidez inicial e, em geral, bem-educados; em suma, um povo amigável e culto. Inevitavelmente explorados pelos comerciantes

¹¹ Mantive o termo original, pois Morris parece criar um trocadilho aqui juntando os termos *sprengi*, em islandês, e *sand*, em inglês, para criar um sinônimo arcaico para “solo preto”. O termo parece remeter à *Sprengisandur*, uma região da Islândia caracterizada como o planalto localizado entre as geleiras entre as geleiras Hofsjökull e Vatnajökull. Morris visitou a região, mencionando-a nos seus registros de viagem, no dia 23 de julho de 1873. Provavelmente, Morris não quis retratar essa região em específico, mas sim apontar uma característica tipicamente islandesa (Morris, 1996).

¹² *Tún* é uma palavra de origem nórdico-islandesa antiga que significava um amplo “terreno ou campo doméstico”, muito comum nas pequenas fazendas e moradias do interior da Islândia. Consultado em: Zoëga (2004. p. 444).

dinamarqueses e escoceses que lhes vendem suas necessidades e seus pobres confortos, mas, fora isso, como eu disse, são uma simples gota no oceano comercial. Mas o interesse por eles, cuja vida difícil, e a coragem e o bom humor com que a encaram, não pode deixar de despertar em todo homem de boa vontade, aumenta grandemente quando pensamos no que esses bons companheiros realmente são: eles são os representantes, com um pouco de sangue irlandês misturado, da família gótica da grande raça germânica: seus antepassados fugiram da “violência de reis e canalhas”, como eles mesmos disseram, para manter seus costumes tribais e livres a salvo por um tempo naquele deserto romântico; e de sua coragem indomável e individualidade forte, a massa vulcânica acidentada se tornou o caixão que preservou os registros das tradições e da religião das tribos góticas e, paralelamente, também dos teutônicos. O instrumento dessa preservação é a língua de seus pais, que ainda permanece entre eles de forma praticamente intacta. O pastorzinho na encosta e o pescador no estuário ainda entoam as canções que preservam a religião da raça germânica, e os mais analfabetos estão absolutamente familiarizados com toda a rica literatura de seu país e sabem mais sobre os Haralds e os Olafs dos séculos X e XI do que a maioria de nossas pessoas “cultas” sabe sobre Oliver Cromwell ou William Pitt. Portanto, olho para essas pobres pessoas com uma afeição peculiar, e seu país é para mim uma Terra Santa.

Devo contar-lhes agora, de forma breve, como essas pessoas, aparentadas com nossa raça dominante, chegaram à sua Ilha de Refúgio e, por conseguinte, falar um pouco sobre a singularidade de sua literatura, mas apenas como um tipo de introdução ao assunto.

Eu já disse antes nesta sala que uma espécie de feudalismo nativo se desenvolveu na Noruega, assim como na Inglaterra: um certo número de antigos chefes tribais cederam, geralmente de forma muito sombria, às reivindicações do suserano, mas os espíritos mais ousados não conseguiram suportar e resistiram ao Rei Harald Cabelos Belos¹³, com quem de fato começa a história no Norte, com todas as suas forças. Essa resistência culminou na grande batalha de Hafrsfiorð (*Goat-firth*)¹⁴ na costa da Noruega, na qual o rei triunfou, e os chefes

¹³ Mencionado por Morris em inglês: *Harald Fairhair*; grafia em nórdico-islandês: Haraldr Hárfagri. A partir da Batalha de Hafrsfiorð, em 872, Haraldr Hárfagri tornou-se o responsável por unificar toda a Noruega. Em consequência disso, “houve uma grande fuga em massa de inimigos e descontentes com seu domínio, culminando em uma colonização mais efetiva da Islândia e no domínio das ilhas Hébridas e Órcadas na costa escocesa” (Silva, 2017. p. 359).

¹⁴ Localizada próxima a Stavanger moderna.

descontentes tiveram que se submeter ou buscar fortuna em outro lugar: Rússia, Normandia, Inglaterra, Irlanda, as ilhas da Escócia sentiram os efeitos para o bem e para o mal da emigração que se seguiu. Mas onde os nórdicos se estabeleceram, – entre comunidades importantes, as quais já haviam superado a coragem desesperada dos nórdicos, a exemplo dos povos da Normandia, – eles gradualmente se misturaram à população nativa e logo perderam sua língua e tradições. Com os colonos da Islândia, foi diferente: a terra era desabitada, eles trouxeram consigo seus costumes e tradições tribais e os mantiveram por muito tempo, juntamente com sua língua. Isto, é claro, era a intenção deliberada dos emigrantes. O chefe que fugiu diante de “reis e canalhas”, como nos é dito, tinha nos pilares de seu trono alto a figura esculpida de Thor, o deus favorito do Norte; quando se aproximaram da terra, os jogaram ao mar para que o vento e a maré os carregassem: então, quando desembarcou, o chefe seguiu pela costa até encontrar o local “onde Thor havia desembarcado”. E lá, mais uma vez, o lar foi fundado, com o chefe reivindicando a terra de que precisava, contornando-a com fogo. É claro que muitos aventureiros surgiram com semelhantes pretensões à liderança, além dos homens livres e libertos que saíram com o chefe e seus servos, muitos dos quais ele libertou e deu terras em sua chegada ao novo país. Tudo isso formaria uma espécie de séquito para o chefe, que logo ao se estabelecer formava um sacerdócio¹⁵, como era chamado, e assumia os ritos religiosos necessários e o cuidado e a tutela do lugar de assembleia¹⁶, o local de reunião, sobre o qual ele presidia, e que era o que agora seria chamado de sede do governo, o parlamento e o tribunal do distrito: lá, por volta de meados de junho, todos os homens livres do distrito se reuniam, e conflitos eram processados ou negociados, multas impostas e ofensas registradas e discutidas, tudo ao ar livre. Nenhum tribunal era permitido ser realizado dentro de portas fechadas ou em terreno cultivado (*ne en akri nè engi*¹⁷). Tudo isso parece muito sistematizado e organizado, e, de fato, em muitas das sagas¹⁸, das quais falaremos mais adiante, há muita

¹⁵ “Os sacerdotes nórdicos não constituíam uma ordem separada da população comum, e a diferença entre laico e sagrado era quase inexistente. Não existia sacerdote profissional e a responsabilidade cabia ao rei ou chefe local” (Langer, 2015, p. 426).

¹⁶ Aqui Morris refere-se ao *Alþingi*, que ele menciona em inglês como *thingstead*, que era a assembleia geral da Islândia, instituída em 930. Os encontros eram realizados em um espaço aberto na planície do que hoje é chamado de Þingvellir.

¹⁷ Frase em nórdico-islandês que pode ser traduzida como: “Nem no campo cultivado nem no prado”. Termos consultados em: Zoëga (2004, pp. 6; 113; 114; 310; 311).

¹⁸ A saga é um gênero literário tipicamente islandês, cujo período de produção mais intenso foi entre 1150 e 1350. Do verbo em nórdico-islandês antigo *segja*, que significa “dizer, contar”, a saga se

discussão jurídica, sempre baseada, é claro, em costumes e precedentes. Uma coisa vocês devem lembrar, no entanto, que, embora esta nossa Sociedade seja fundada em um estado de coisas muito parecido com este, esse mesmo estado de coisas era na verdade muito diferente do nosso – apesar de usarmos as mesmas palavras que nossos antepassados, – que muitas pessoas acham difícil até mesmo de concebê-lo. A sociedade política ainda não havia sido fundada; eram as relações pessoais entre os homens, e não territoriais, que eram levadas em consideração. Quando um sacerdote ou chefe se mudava, como às vezes acontecia, muitos de seus homens da assembleia¹⁹ o acompanhavam. Não havia unidade territorial política à qual lealdade fosse exigida. O crime, em nosso sentido da palavra, não era levado em consideração: a violência era uma ofensa não contra um Estado, mas contra uma pessoa. A proteção de pessoas ou bens tinha que ser buscada dos parentes consanguíneos que eram obrigados a agir contra o ofensor: o pagamento das multas impostas pelos tribunais [era] executado pelos parentes, a *gens*²⁰, do homem ofendido, enquanto era revogada formalmente essa proteção do ofensor, sendo feito um fora-da-lei, como no sentido literal do termo: isto é, aqueles que tinham uma rixa contra ele podiam matá-lo sem incorrer em qualquer responsabilidade de multa ou de ter uma rixa legal levantada contra [eles]. A moralidade da época era imposta puramente pela opinião pública; uma ação mesquinha ou traiçoeira era vista como algo bem diferente de uma ofensa legal, cuja condenação não envolvia nenhum tipo de escândalo. Mesmo quando um homem matava seu inimigo em uma disputa justa, ele tinha que pagar; embora, onde o erro fosse flagrante, ele poderia matá-lo com menos despesas do que de outra forma (Gunnar²¹). Vocês devem entender que tudo isso não se tratava meramente de guerra e vingança particulares, e suas consequentes confusões, mas simplesmente um sistema diferente do nosso sistema político-territorial, que era baseado, como eu disse, na igualdade de direitos

caracteriza por ser “uma narrativa factual, objetiva e rápida, redigida em prosa, concentrando-se nos fatos de um personagem ‘digno de memória’” (Langer, 2015, p. 441).

¹⁹ Morris utiliza aqui o termo *thing-men*, que se refere aos membros do *Alþingi*. Consultado em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/thingman> Acesso em: 07 set 2025

²⁰ Termo utilizado na antiga Roma para referir-se a um clã de famílias da mesma origem na linhagem masculina. Dessa forma, é um termo que pode ser utilizado para referir-se a um clã consanguíneo, estirpe ou linhagem. Consultado em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/gens> Acesso em: 08 set 2025

²¹ Provavelmente, Morris traz essa referência da *Brennu-Njáls Saga* (Saga de Njáll), na qual o personagem Gunnar Hámundarson mata dois homens de uma mesma família, o que levou a família a ir atrás dele por vingança.

peçoais de todos os libertos. Vocês devem se lembrar de que esta sociedade era um modelo fiel daquela que prevalecia na Noruega e no resto da Escandinávia antes da emigração, e também que a feudalidade incompleta lá introduzida por Harald Cabelos Belos de forma alguma a substituiu inteiramente.

Quanto aos costumes desses primeiros colonos, eles eram naturalmente e extremamente simples, mas não carentes de dignidade. Ao contrário do sentimento absurdo do período feudal ou hierárquico, o trabalho manual estava longe de ser considerado uma desgraça: os heróis míticos muitas vezes têm quase tanta fama dada a eles por sua habilidade como ferreiros de armas quanto por suas qualidades de luta; era necessário, é claro, que um homem do norte entendesse a navegação de um navio, e os remos a bordo de seus navios longos ou embarcações de combate não eram manejados por escravos, mas pelos próprios guerreiros. Tudo isso talvez seja óbvio, no entanto, além disso, os maiores homens ajudavam com o trabalho comum doméstico e do campo, muito parecido com o que fazem nos poemas homéricos: um chefe está trabalhando em seu campo de feno em uma crise de sua fortuna; outro está consertando um portão; um terceiro semeando seu milho, com seu manto e espada guardados em um canto do campo; outro é um grande construtor de casas; outro, um construtor de navios. Um chefe diz ao seu irmão em uma manhã agitada: há um bezerro para ser morto e um viking para ser combatido. Qual de nós matará o bezerro e qual lutará contra o viking?

As mulheres tinham boa posição naquela sociedade, com o casal praticamente em posição de igualdade. Há muitas histórias de mulheres que se divorciaram por algum insulto ou ofensa, sendo uma bofetada considerada justificativa suficiente. Devo dizer também que as mulheres reivindicaram e obtiveram imunidade para a responsabilidade por sua violência, por serem “mulheres fracas”, de uma forma que ofenderia seriamente nosso camarada Bax²².

O autocontrole era uma virtude certamente muito respeitada entre um povo cuja religião era praticamente a coragem: em todas as histórias do Norte, o fracasso nunca é considerado uma desgraça, mas é considerado uma desgraça não suportá-lo com serenidade, e não é bem visto mostrar abertamente as próprias emoções. Lágrimas não são comuns nas

²² De acordo com nota da versão deste texto editada por Eugene LeMire (1969, p. 185), Morris refere-se aqui a E. Belfort Bax, um dos membros da *Socialist League* (de que Morris também fazia parte). Bax era declaradamente um “anti-feminista”.

histórias do Norte, embora às vezes surjam curiosamente, como no caso de Glum, o Matador²³, de quem é dito que, quando alguma de suas façanhas estava prestes a acontecer, ele costumava ser tomado por um súbito excesso de choro, com as lágrimas caindo no chão como granizo; isso, é claro, era involuntário e puramente físico. Quanto ao resto, repito, o autocontrole de todos os tipos é uma virtude necessária para que um homem possa reivindicar qualquer respeito nas histórias do Norte. Grettir, ao voltar de suas viagens para fora da Islândia, descobre, assim que põe os pés em terra, que seu pai está morto, seu irmão mais velho assassinado e ele próprio proscrito, e não muda de semblante de forma alguma²⁴. Ingjald das Fontes Termais²⁵, ao saber da morte de Njal, cai desmaiado e o sangue jorra de seus ouvidos e nariz; ao recobrar os sentidos, repreende-se por se comportar como uma mulher fraca. Outro chefe, após uma batalha, senta-se para que lhe tirem as calças; o servo²⁶ puxa e puxa, mas elas não saem, então ele diz com sinceridade: vocês, filhos de Snorri, poderiam ser considerados grandes janotas já que usam as calças tão apertadas. O chefe o manda apalpar a coxa, e eis que há uma haste de flecha quebrada pregando suas calças nele, algo de que ele se recusa a reclamar²⁷. As histórias de heróis muitas vezes começam com o jovem que chega a um lugar estranho e se mostra aparentemente grosseiro, estúpido e preguiçoso, deitado remoendo o passado²⁸, alvo do escárnio de todos e especialmente de algum fanfarrão tagarela, até que

²³ Em inglês, Morris menciona “*Slaying Glum*”, que no original em islandês refere-se a *Víga-Glúmr*, epíteto de Glúmr Eyjólfsson, personagem da *Víga-Glúms Saga* (Saga de Glum, o Matador).

²⁴ Referência a *Grettis saga Ásmundarsonar* (Saga de Grettir Ásmundarson). William Morris e seu amigo islandês Eiríkr Magnússon traduziram essa saga para o inglês, intitulando-a *The Story of Grettir the Strong* (A História de Grettir o Forte). Essa tradução pode ser consultada em: <https://www.gutenberg.org/cache/epub/12747/pg12747-images.html> Acesso em: 18 set 2025

²⁵ Em inglês, Morris menciona “*Ingjald of the Wells*”, que se refere ao personagem Ingjaldr de Keldur da *Brennu-Njáls Saga* (Saga de Njáll).

²⁶ Morris utiliza aqui o termo *thrall*, um arcaísmo em inglês que se aproxima do termo em nórdico-islandês antigo *þræll*, que, como Price (2021) explica, era o termo utilizado nas sociedades escandinavas antigas para referir-se aos indivíduos privados de liberdade a serviço de um senhor.

²⁷ De acordo com nota de LeMire (1969, p. 186), essa anedota refere-se à história do personagem Thorod Thorbrandsson, da *Eyrbyggja saga* (Saga do povo de Eyri). Morris e Magnússon traduziram essa saga, intitulando-a *The Saga of the Ere-Dwellers* (Saga dos moradores de Ere): https://sagadb.org/eyrbyggja_saga.en Acesso em: 18 set 2025

²⁸ Morris utiliza a expressão idiomática em inglês “*raking in the ashes*”, que significa relembrar insistentemente um evento ou experiência desagradável do passado. Consultado em: <https://www.youridioms.com/en/idiom/rake-over-the-ashes-the-past> Acesso em: 12 set 2025

finalmente chega a hora de agir: o preguiçoso²⁹ se ergue como um deus, a cabeça do fanfarrão rola e o herói se revela por seus feitos. “Muitos homens jazem escondidos dentro de si mesmos”, diz o provérbio.

Não obstante, não é incomum um aspecto ganancioso e complicado no caráter dos heróis, especialmente quando envolve questões financeiras, o que desagradavelmente contrasta com os heróis dos romances árabes. Algo disso pode ser atribuído à severidade do clima do norte e à dura luta pela sobrevivência ali; e, afinal, muito se deve ao amor pelo realismo que distingue os próprios contadores de histórias. Ainda assim, há muitos exemplos de generosidade e magnanimidade; por exemplo, as relações entre os dois amigos Gunnar e Njal na nobre história do Njal, o Queimado³⁰ são incomparáveis em termos de amizade viril e clarividente em meio às circunstâncias mais difíceis. O final da mesma história relata como Kari, naufragado na costa perto de onde seu grande inimigo Flosi mora, caminha direto para a casa e para o salão onde Flosi está sentado e o cumprimenta. Flosi retribui a saudação do homem desarmado e solitário, o acolhe, e a rixa chega ao fim. Ou considerem a história de Ingimund, o Velho, o chefe do Vale da Água³¹. Ingimund abriga um patife de mau caráter, com quem não se deve criar laços. Um dia, um mensageiro vem lhe dizer que esse patife está brigando com seus filhos perto do rio. Ingimund, que é cego e velho, cavalga até lá, guiado por um garotinho, e repreende o patife que, por sua vez, arremessa sua lança sobre a água e foge. Ingimund volta para casa. Enquanto o garoto o ajuda a descer do cavalo, ele percebe que o velho demora e diz a ele: “Você está enrijecido hoje, pai”. “Os velhos costumam estar assim”, diz Ingimund. O garoto o leva para o salão e Ingimund senta-se no assento de honra. Começa a anoitecer e os meninos dizem “devemos acender as tochas”? “Não”, diz Ingimund “ainda não”. Então ele fica lá sentado até ficar completamente escuro. Finalmente, o filho entra e, enquanto caminha em direção ao assento de Ingimund, tropeça, segura-se com a mão no chão, e percebe que o chão está molhado. Ele tem um terrível pressentimento, grita por uma tocha, e quando ela chega, percebe que sua

²⁹ Morris chama o sujeito aqui de “*cinder-raker*”, que seria aquele que “*rake in the ashes*”, ou seja, que remói o passado. Na falta de encontrar a subjetivação adequada para essa expressão, optei por substituir o termo por “preguiçoso”, mencionado por Morris na frase anterior (“*slothful*”).

³⁰ *Brennu-Njáls Saga* (Saga de Njáll).

³¹ Em inglês, Morris usa o termo *Waterdale*, tradução do islandês *Vatnsdæla*. A história mencionada por Morris é da *Vatnsdæla Saga* (Saga do povo do Vale da Água).

mão está manchada de vermelho e que seu pai Ingimund está morto em seu trono, com a haste da lança do patife escondida sob seu manto. Ele escondeu seu ferimento e morreu no escuro para manter o caso longe de seu filho até que o patife que o matou, e a quem ele havia beneficiado antes, tivesse tempo de escapar da perseguição.

A sequência da história é trágica demais para ser contada: Ingimund tinha dois libertos a quem havia dado terras e quando a notícia de sua morte chegou a um deles, ele sacou seu *sax*³², ou espada curta, dizendo “se Ingimund está morto, o mundo não é bom para mim”. Ele se esfaqueou tirando a própria vida e, antes de morrer, sacou a arma e, dando-a ao mensageiro, disse: “leve isso para fulano de tal, o outro liberto, e diga a ele o que você viu”. E assim, ele morreu; e quando o mensageiro deu o *sax* para o outro liberto, ele seguiu seu exemplo imediatamente.

Mais uma vez é preciso reconhecer que os Nórdicos não eram acostumados a usar armadilhas e manipulações em suas lutas pela vida e pelo destino; mas quando o faziam, era como um ato de guerra. Compare com a curiosa passagem no livro XIII da *Odisseia*³³, na qual Atena, uma deusa, fica encantada com Odisseu que lhe contou uma série elaborada de mentiras, o que, de fato, ele costuma fazer, sendo que não consegue nem resistir à tentação de uma última mentira às custas de seu pobre e velho pai – o que, do meu ponto de vista moderno, acho algo realmente perverso. Novamente, no livro XIX, Autólico, o pai da mãe de Odisseu, é mencionado como alguém que supera todos os homens “em roubo e habilidade de fazer promessas”, claramente com aprovação. Esses casos nos lembram novamente que na literatura homérica e na nórdica havia paz dentro da *gens* ou tribo, e guerra sempre fora dela; uma mentira ou fraude, portanto, era como uma emboscada na guerra. De qualquer forma, embora o Nórdico mentisse para seus inimigos, – como fez Glum, o Matador, que, habilidoso em fazer juramentos, assim como Autólico, safou-se em tribunal com uma manobra gramatical, – ele não mentiria para um amigo seu e muito menos para si mesmo; este último é o método moderno e a origem de toda falsidade. O Nórdico considerava vergonhoso gabar-se, exaltar com exagero uma vitória conquistada e, mais ainda, desonrar a fama de um inimigo vencido, o que, sem dúvida, seu bom senso lhe mostrava ser a mais estúpida das calúnias, pois se o seu

³² Um tipo de espada nórdica, que, como o próprio Morris explica, se caracteriza por ser curta. O termo pode ser consultado em: Zoëga (2004. p. 351).

³³ Morris publicou sua tradução da *Odisseia* para o inglês em 1887. Uma versão online pode ser consultada em: <https://morrisarchive.lib.uiowa.edu/exhibits/show/translations/classical-greek-and-latin/odyssey> Acesso em: 15 set 2025

inimigo é um covarde incompetente, menor será a sua glória se você o derrotar, assim como maior será a sua vergonha se ele lhe derrotar.

A literatura islandesa, como já sugeri, preservou para nós a mitologia religiosa que era, em grande parte, comum a todas as tribos germânicas. É realmente muito semelhante à dos povos clássicos, mas, como era de se esperar pela simplicidade do povo, os deuses são, mais visivelmente do que em outras mitologias, o reflexo de seus adoradores: bem-humorados e calmos, embora tão violentos quanto vocês possam imaginar, sem afeição e tolerância à servidão e sem complacência com a covardia ou a submissão, gentis com seus amigos e inflexíveis com seus inimigos. Deve-se dizer que os Deuses Nórdicos são distintamente *bons companheiros* e, na verdade, estão entre os melhores que a humanidade já criou. Em um aspecto, em especial, eles são realmente um reflexo do homem: embora tenham vida longa, não são imortais, e ainda estão sujeitos ao mesmo destino da humanidade. Chegará o dia em que as forças do mal que eles acorrentaram e reprimiram finalmente se libertarão³⁴, e o bem e o mal da era da humanidade e os Deuses que a governaram se encontrarão em conflito mortal, e após feroz batalha, destruir-se-ão mutuamente³⁵. É para esta grande batalha que todos os homens valentes da Terra estão se preparando, e quando eles deixarem a Terra e forem para os salões de Odin³⁶, eles ainda terão que continuar com seu treinamento e lutar, como antigamente, e a aura da luta ainda será sua ocupação em Valhalla³⁷, o Salão dos Mortos na

³⁴ Refere-se aqui, em especial, ao lobo Fenrir, filho de Loki com a gigante Angrboda, um dos principais inimigo dos deuses.

³⁵ Refere-se aqui ao *Ragnarökr*, o “apocalipse nórdico”, “uma série de acontecimentos que culminariam com a morte dos deuses nórdicos mais importantes e a destruição de parte do universo, após o que algumas deidades e humanos sobreviveriam em uma nova e renovada ordem cósmica” (Langer, 2015, p. 391).

³⁶ *Óðinn*, considerado o deus principal do panteão nórdico.

³⁷ *Valhöll*, em nórdico antigo, refere-se a um salão localizado em *Ásgarðr* (o mundo dos deuses), para onde vão os guerreiros mortos em batalha.

Guerra, assim como é na Terra. Antes deste grande dia de batalha, haverá dias terríveis para o mundo, como canta a Vala³⁸ no grande poema mitológico “A Profecia da Vala”³⁹:

Então os irmãos batalharão
E serão a ruína uns dos outros
E os filhos de uma mesma irmã
Derramarão o sangue de seus próprios parentes.
Haverá tempos difíceis no mundo
E grandiosa devassidão:
Uma era de machado, uma era de espada
Os escudos serão partidos
Uma era de vento, uma era de lobo
Antes que o mundo desapareça.

Diz o escritor da Edda em Prosa⁴⁰.

O *Fimbulvetr*⁴¹, o inverno do horror, cinco invernos sem um verão entre eles, virá antes da Escuridão dos Deuses⁴²: os homens teriam se tornado fracos e covardes, todos os heróis e corajosos teriam ido para a casa de Odin, para lutar e morrer na última batalha entre o bem e o mal mundanos. Mas o homem em vida não consegue conceber seu fim: um novo mundo surgirá dos destroços do antigo; as mesas de ouro onde os Aesir⁴³ se divertiam nos primeiros

³⁸ Mantive aqui o termo utilizado por Morris em inglês, *Vala*, porém, o termo mais adequado seria *Völva*. Desconheço se Morris fez uma anglicização do termo *Völu-* em *Völuspá*, ou se ele se baseou em algum material que menciona o termo *Vala*. De qualquer forma, seu objetivo aqui é referir-se à ideia de uma “vidente”. De acordo com o dicionário de Richard Cleasby and Gudbrand Vigfusson de 1874 adaptado para o formato online, *Vala* parece ter sido utilizada no período pré-cristão para referir-se à adivinhação ou práticas de profecia. Consultado em: <https://cleasby-vigfusson-dictionary.vercel.app/word/vala> Acesso em: 13 set 2025

³⁹ Aqui Morris faz referência ao poema éddico *Völuspá* (A profecia da vidente). Mantive a tradução do título literalmente como colocado por Morris em inglês, “*Vala’s Foretelling*”. A minha tradução dos versos citados na sequência é resultante da forma em inglês conforme colocada por Morris. Tais versos referem-se à estrofe 44 do poema *Völuspá*.

⁴⁰ Aqui Morris indica ter citado os versos a partir da *Edda* de Snorri Sturluson. De fato, esses mesmos versos são citados no *Gylfaginning* da *Edda*.

⁴¹ *Fimbul-* significa poderoso, e “[a] mais importante palavra com a partícula *fimbul-* é *Fimbulvetr* (Inverno-poderoso), o que deve ocorrer no início do Ragnarök” (Lindow, 2019, p. 149). Morris angliciza para “*Fimbul winter*” e, tendo em vista a impossibilidade de uma tradução coerente em língua portuguesa mantendo o adjetivo *Fimbul*, optei por utilizar o nome completo em nórdico antigo na tradução.

⁴² Morris chama em inglês de *Gloom of the Gods*, referindo-se ao *Ragnarökr*.

⁴³ *Æsir* é o grupo principal de deuses do panteão nórdico, diferente dos *Vanir*. O singular do termo é *áss*, havendo a forma no feminino *ásynja*, no singular (no plural, *ásynjur*).

dias serão encontradas na grama, os campos⁴⁴ crescerão sem sementeira, todo mal será remediado. Balder, o radiante Deus da paz e da beleza, retornará. Ele fora aquele que, nos dias antigos, nenhuma arma era capaz de machucar, de modo que ficava de pé no Salão dos Deuses e deixava que todos lhe atirassem suas lanças sem sofrer dano, até que, por fim, o maldoso Deus Loki⁴⁵ colocou nas mãos do Deus cego Hod um galho de visco. E foi o pequeno galho torto da planta sem raiz e sem fruto, lançado fatalmente das mãos de um Deus cego, que destruiu a alegria e a glória da morada dos Deuses: ele agora retornará, juntamente com o seu assassino Hod; eles habitarão no Salão Dourado de Gimli⁴⁶, e o mundo repovoado ficará em paz.

É claro que tudo isso pode ser explicado de várias maneiras, por vários tipos de suposição. Para alguns, parece até mesmo um mero reflexo do Cristianismo. No entanto, seria um paradoxo sustentar que um dos ramos mais vigorosos das raças mais progressistas do mundo não teria condições de desenvolver sua própria mitologia; e, uma vez que as canções nas quais essa mitologia se baseia foram coletadas por homens que já haviam se tornado cristãos – sendo, inclusive, a grande coleção atribuída ao nome de um sacerdote cristão, um tal de Saemund⁴⁷ –, pareceria estranho que, se houvesse algum traço de Cristianismo nela, fosse tão pouco. A meu ver, parece antes derivado e dominado pelo mesmo dualismo que cobriu o antigo culto à natureza dos persas e formou a religião tão antiga e duradoura ainda mantida pelos perses.

⁴⁴ Em inglês, Morris utiliza o termo *acres*, cuja tradução literal é exata em língua portuguesa. Haja vista que Morris era adepto de uma linguagem carregada de arcaísmos que aproximavam a língua inglesa das suas origens germânicas (incluindo, em especial, o inglês antigo e o nórdico antigo), é mais provável que ele tenha optado por *acres* com o sentido arcaico de “campo cultivável”. Consultado em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/acre> 14 set 2025. Além disso, vale mencionar que existe em nórdico-islandês antigo o termo *akr* com esse significado de “campo cultivável”. Consultado em: Zoëga (2004. p. 6).

⁴⁵ *Loki* costuma ser caracterizado como o deus “*trickster*, trapaceiro” da mitologia nórdica.

⁴⁶ *Gimli* é o salão onde viverão os sobreviventes do Ragnarök.

⁴⁷ Na época de Morris ainda vigorava o nome *Sæmundar Edda* (Edda de Sæmundr) para a coletânea hoje conhecida por *Eddukvæði* (Edda Poética). No século XVII, por causa de um engano interpretativo, o bispo islandês Brynjólfur Sveinsson, que acreditava que o autor dos poemas do manuscrito *Codex Regius* (GKS 2365 4^o) teria sido o padre islandês Sæmundr Sigfússon do século XI, deu o nome ao manuscrito de *Sæmundar Edda* (Edda de Sæmundr). No entanto, tal teoria foi apenas um achismo do bispo, visto que os manuscritos não evidenciam nenhuma autoria para os poemas, sendo possível que tenham sido escritos por mais de um autor ou escriba (Harris, 1985).

De qualquer forma, trata-se claramente do reflexo da vida e da ética dos povos nórdicos, cuja verdadeira religião era o culto à Coragem. Sua moral é bastante simples: lutar para conquistar justa fama é o único preceito, diz o “*Hávamál*”⁴⁸.

A riqueza diminui e os amigos desaparecem
E nós mesmos morreremos
Mas a justa fama nunca morrerá
Se por ela bem tiverdes vivido.

Que fique claro que isso não se tratava de uma adoração ao sucesso; pelo contrário, o sucesso que vinha sem bravura era visto com certo desprezo. Diz o *sagaman*⁴⁹, por exemplo: “Os Knytlinga⁵⁰ eram homens muito afortunados, mas não muito valentes”. Talvez a consciência séria da derrota final pela morte fizesse com que o mero sucesso parecesse medíocre para esses homens, ao passo que os feitos realizados já não podiam mais ser tocados pela morte. O leitor experiente de uma saga sempre sabe quando a morte do herói se aproxima, pois o estilo se intensifica, o contador de histórias se lembra mais da poesia e uma espécie de auréola parece iluminar a presença do homem que agora está prestes a tornar sua fama segura para sempre.

Tentarei agora dar-lhes uma breve ideia do que consiste a Literatura Nórdica.

Em primeiro lugar, temos as canções mitológicas preservadas para nós pelos colecionadores do século XII ou XIII, das quais a mais completa é a “A Profecia da Vala”, já mencionada. Além disso, existem vários poemas contendo histórias dos deuses: “A Canção do Peregrino”⁵¹, que narra em poucas, porém sublimes palavras, a jornada de Odin ao submundo para trazer de volta o morto Balder. “O Resgate do Martelo”⁵², que narra a recuperação

⁴⁸ Os versos citados na sequência são referentes à estrofe 76 do poema éddico *Hávamál* (“Os ditos do Altíssimo”), e traduzi-os conforme a versão em inglês citada por Morris.

⁴⁹ Literalmente “o homem das sagas”, o *sagaman* era o “contador das histórias”. Decidi manter o termo em inglês originalmente usado por Morris por se aproximar do termo em nórdico-islandês *sagnamaðr*, que pode significar também “historiador” (Zoëga, 2004, p. 346).

⁵⁰ *Knytlinga Saga* (Saga dos descendentes de Knut). Os Knytlinga seriam os descendentes do rei Knútr (990-1035).

⁵¹ O que Morris mencionou como “*The Lay of the Way-wearer*” refere-se ao poema éddico “*Baldrs draumar*” (“Os sonhos de Baldr”).

⁵² O que Morris mencionou como “*The Fetching of the Hammer*” refere-se ao poema “*Brymskviða*” (“A canção de Thrym”).

por Thor de seu maravilhoso Martelo na terra dos gigantes, um episódio estranho e grotesco. Há outras sobre a relação dos deuses com o maldoso deus Loki e a derrota final deles no dia da Escuridão dos Deuses. Há também um curioso poema chamado “A Canção do Altíssimo”⁵³, que é em parte um conjunto de conhecimento proverbial e em parte um conjunto de alusões à magia. O “*Rígsmaal*”⁵⁴ é um poema interessante que narra a visita do deus Heimdal à Terra e seu encontro com as classes humanas de Earl, Carl e Thrall⁵⁵.

Esses poemas mitológicos formam a primeira metade das canções da *Edda*, como é chamada a grande coleção dos poemas mais antigos. Devo mencionar, antes de prosseguir, uma obra cujo escopo nominal é um tratado sobre dicção poética, atribuída a Snorri Sturluson⁵⁶, o historiador do século XIII, e conhecida como a “Edda em Prosa” ou “Edda Jovem”⁵⁷, que preservou muitas das lendas dos Deuses. A segunda parte da *Edda [Poética]* pode ser chamada de parte romântica e contém histórias de heróis, em grande parte com orientação genealógica. A grande história destas é o Conto dos Nibelungos, que para os leitores modernos é mais conhecido através da balada épica, por assim dizer, dos poetas germânicos do século XIV, sob o nome de “O Ímpeto dos Nibelungos”⁵⁸. A meu ver, essa esplêndida obra é uma dedução literária a partir dos Poemas Nórdicos e não se baseia em uma tradição antiga germânica específica. No entanto, essa história dos Nibelungos se expandiu e, permeando-a em todas as suas canções fragmentárias e variantes, devo, sem hesitar, chamá-la de a mais nobre e, em certo sentido, a mais completa história já feita pelo homem, abrangendo

⁵³ Apesar de Morris citar esse mesmo poema éddico anteriormente com o nome próximo ao original em nórdico-islandês, “*Hávamál*”, aqui ele o menciona como “*Lay of the High One*”.

⁵⁴ Morris chama o poema éddico *Rígsþula* (“A Lista de Ríg”) de “*Rígsmaal*”, que pode ser traduzido para o português como “Os ditos de Ríg”.

⁵⁵ *Heimdallr* é o guardião da ponte Bifröst, que dá acesso à Ásgarðr, estando sempre alerta e vigilante. Earl, Carl e Thrall são anglicizações de Morris para *Jarl*, *Karl* e *Þræll*, respectivamente. O poema mencionado por Morris, conta a história de quando Heimdalr, utilizando o nome Ríg, partiu para a Terra e visitou três casas. “Na primeira residência onde foi recebido, a refeição era mais humilde, dormiu com Ái e Edda (“Bisavô e Bisavó”) e da relação sexual que teve com ela surgiu um filho de aparência grotesca, o qual foi chamado de Thrael (“Servo”). No segundo lar onde a refeição era menos parca, foi recebido por Afi e Amma (“Avô e Avó”) e dela nasceu um filho chamado Karl (“Homem Livre”). Na última casa o casal Fadir e Módir (“Pai e Mãe”) recepcionou-o com alimentos refinados, da cópula entre o deus e Módir foi gerado Jarl (“Nobre”)” (Maltauro, 2015, p. 240).

⁵⁶ Morris menciona o nome como Snorri Sturluson, mas optei por usar na tradução a grafia consensual de seu nome, Sturluson.

⁵⁷ “*Snorra Edda*” (“Edda de Snorri”).

⁵⁸ Morris menciona em inglês “*Need of the Nibelungs*”, mas o original em alemão medieval chama-se “*Das Nibelungenlied*” (“A Canção dos Nibelungos”).

o mais alto grau da tragédia: paixão, amor, dever, valor, honra, em conflito com a força cega do destino, são vencidos por ela, mas revividos novamente na morte por meio das almas de todas as gerações. De acordo com as palavras que o poeta homérico coloca na boca do Rei Alcínoo: “Mas esta coisa os Deuses moldaram, e fiaram o Dia Mortal Para os Homens; a fim de que, para os homens vindouros, houvesse o conto e a canção”.

Reforço que esses antigos poemas românticos são complementados por uma massa de literatura em prosa que reúne a memória de outros poemas dos séculos XIII e XIV. O mais importante – embora dificilmente o mais artístico – destes é o livro chamado de *Völsunga Saga*⁵⁹, que preservou, de forma quase similar, a gloriosa história dos Nibelungos acima mencionada. Alguns registros dos poemas totalmente perdidos são preservados também no latim obscuro de Saxo Grammaticus⁶⁰, um bispo dinamarquês do século XIII, e de mais um ou dois escritores, como Adão de Bremen⁶¹. Uma história de Saxo que a maioria das pessoas de língua inglesa já ouviu falar é sobre um chefe que fingiu ser louco para vingar seu pai. Seu nome era *Amloji*, mas vocês o conhecerão melhor pelo nome de *Hamlet*, uma corruptela estranha que se deve ao velho e maçante mau-latim de Saxo, para o qual ele figura como *Amlethus*.

Deixando de lado, por enquanto, essas sagas românticas, chegamos a um conjunto de literatura muito notável, que, a meu ver, é inigualável: as sagas históricas⁶². Estas são inteiramente obra dos habitantes daquela ilha deserta e acidentada da Islândia, da qual já vos

⁵⁹ *Völsunga Saga* (Saga dos Volsungos). Morris e Magnússon produziram, em 1870, a primeira tradução da *Völsunga Saga* para a língua inglesa, intitulando-a *The Story of the Volsungs* (A História dos Volsungos). A tradução pode ser consultada em: <https://www.sacred-texts.com/neu/vlsng/index.htm> Acesso em: 15 set 2025. Além disso, em 1876, Morris publicou sua própria versão dessa narrativa em forma de um poema épico, intitulado *The Story of Sigurd the Volsung and the Fall of the Niblungs*. Esse poema está disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/18328/18328-h/18328-h.htm> Acesso em: 15 set 2025

⁶⁰ Morris se refere aqui ao manuscrito “*Gesta Danorum*” (“Feitos dos daneses”), de Saxo Grammaticus, escrito entre os séculos XII-XIII.

⁶¹ A referência de Morris a Adão de Bremen (em alemão: *Adam Von Bremen*) remete à sua obra em latim “*Gesta Hammaburgensis Ecclesiae Pontificum*” (“História dos Arcebispos de Hamburg-Bremen”), composta entre 1075 e 1081.

⁶² Morris propõe uma divisão categórica para as sagas. No grupo do que ele chama de “sagas românticas”, poderíamos incluir os subgêneros, conforme classificação moderna, das sagas lendárias (*fornaldarsögur*) e sagas de cavalaria (*riddarasögur*). Já o que Morris denomina por “sagas históricas”, equivaleria aos grupos das sagas de família (*íslendingasögur*), sagas de reis (*konungasögur*) e sagas de bispos (*biskupasögur*). Para saber mais sobre as perspectivas metodológicas modernas acerca das sagas, consultar: Langer (2009).

falei. Podem ser divididas entre as histórias da Noruega e, aliás, de outras partes da Escandinávia, incluindo as Órcades, as Ilhas Faroé e a Groenlândia, por um lado, e, por outro, histórias de várias famílias e suas rixas na própria Islândia. Para explicar a primeira delas, é preciso saber que era costume dos aventureiros islandeses servir, especialmente na juventude, aos senhores e reis escandinavos no continente, incluindo os assentamentos russos e a Gaelândia⁶³, e às vezes aos reis ingleses, além de servirem ocasionalmente na guarda pessoal do imperador grego em Constantinopla (os Leões de Egina). Das memórias desses homens, levadas de volta aos seus parentes na Islândia para serem consagradas em versos de vários graus de mérito, surgiram tradições históricas sobre os cenários em que haviam atuado. Estas foram reunidas em contos conectados entre si sobre os reinados dos reis, sendo a coleção principal atribuída a Snorri Sturluson, o autor da “Edda em Prosa”: levando o nome com base em suas primeiras palavras, a *Heimskringla*⁶⁴ passa por todos os reis, começa com o período reconhecidamente mítico e nos leva até o século XII. Snorri foi chamado de Heródoto do Norte, e com motivo, já que a história é contada por meio de anedotas, assim como faz Heródoto; mas Snorri é muito mais particular e dramático do que o encantador velho jônico. Cada personagem de que ele nos fala vive e se move diante de nós, e nenhuma partícula de parcialidade obscurece a clareza das imagens que ele nos mostra. Quantas vezes lamentei que nossa própria história tenha carecido de um poeta assim, pois Snorri não era menos do que isso. Somente Froissart⁶⁵, entre os cronistas medievais, pode ser colocado ao seu patamar: mas Snorri narra em uma dúzia de palavras o que o hainautense levaria várias centenas para falar, e isso com uma astúcia e sagacidade que penetram os ossos e a medula de seu tema.

Eu falei de Snorri, mas, no fim das contas, estas são definitivamente as características das histórias em prosa islandesas: vocês podem pensar que o assunto delas seja indigno ou insignificante, mas certamente, seja lá o que for que tenham a dizer, elas conseguem deixar de modo bem claro para nós. Em suma, os islandeses são os melhores contadores de histórias que

⁶³ Tradução literal de *Gaeland*, mencionado por Morris, termo aparentemente inexistente. É incerto se Morris inventou esse termo ou se havia algum uso conhecido por ele. No entanto, é possível inferir que Morris está se referindo aqui a uma “Terra dos Gaélicos”, que seria região aproximadamente equivalente à Escócia atual.

⁶⁴ O que Morris quis dizer aqui é que a compilação *Heimskringla* foi assim nomeada por causa das duas primeiras palavras que abrem seu manuscrito “*Kringla heimsins*” que significa “O círculo do mundo”.

⁶⁵ Jean Froissart (1333-1400) foi um dos mais importantes bardos e cronistas da França, do condado de Hainaut, o que explica a adjetivação de Morris para “hainautense” (“*the Hainalter*”, no original em inglês).

já existiram, e, por mais cheias de detalhes que suas histórias sejam, elas nunca são prolixas: pelo menos escapam da crítica que os lacedemônios fizeram aos enviados jônios; “É muito bonito, mas como esquecemos o começo, não sabemos do que se trata o fim”.

Além dessas histórias de reis, como são chamadas, temos, como eu disse, os contos de eventos familiares ou disputas na própria Islândia: estas são naturalmente a literatura que o islandês moderno mais ama. Quase todos aqueles trechos de cor verde-esmeralda na encosta cinzenta da colina sobre os quais lhes falei ainda são identificados como os locais onde os antigos chefes viveram, lutaram e morreram; ou melhor, os locais onde tais eventos aconteceram ainda são mostrados ao viajante por pessoas que acreditam firmemente neles; e, nas longas noites de inverno, enquanto uns consertam seus arreios, talham e moldam colheres de chifre e as mulheres fiam e cardam a lã, alguém lê para eles os feitos de seus antepassados, provavelmente nos mesmos locais onde suas casas ficavam.

Entre as obras mais longas dessas histórias locais, há três que são ao mesmo tempo as mais artísticas e as mais admiradas pelo povo islandês. A História de Njal, o Queimado⁶⁶, a de Grettir, o Forte⁶⁷, a de Egil, o Filho de Skallagrim⁶⁸, a de Gisli, o Fora da Lei⁶⁹, e a de Gunnlaug, o Língua-de-Serpente⁷⁰ estão, creio eu, entre os contos mais concisos. De todos estes, penso que a História de Egil é a mais popular na Islândia: para nós, parece uma história muito grosseira e sangrenta em seus modos, mas tem o mérito de conter três poemas muito bons, tradicionalmente reconhecidos como obra do próprio Egil, dos quais dois são rimados, algo que não é comum na poesia islandesa. Tais poemas são, na minha opinião, completamente impossíveis de serem traduzidos sem perder grande parte dos seus verdadeiros méritos. Outro ponto de interesse para nós é que as relações de Egil eram em grande parte com a Inglaterra, onde serviu ao Rei Athelstan e foi um de seus aliados nórdicos na grande batalha de Brunanburgh⁷¹. A História de Grettir é intensamente islandesa; é a história de um homem

⁶⁶ *Brennu-Njáls Saga* (Saga de Njáll).

⁶⁷ *Grettis saga Ásmundarsonar* (Saga de Grettir Ásmundarson).

⁶⁸ *Egils saga* (Saga de Egil).

⁶⁹ *Gísli saga Súrssonar* (Saga de Gisli Súrsson).

⁷⁰ *Gunnlaugs saga ormstungu* (Saga de Gunnlaug Língua-de-Serpente). Morris e Magnússon traduziram essa saga para o inglês, intitulado-a *The Saga of Gunnlaug the Worm-Tongue and Rafn the Skald* (A Saga de Gunnlaug, Língua-de-Serpente e Rafn, o Escaldo). Essa tradução pode ser consultada em: https://www.sagadb.org/gunnlaugs_saga_ormstungu.en Acesso em: 18 set 2025

⁷¹ “A batalha de Brunanburh ocorreu na Inglaterra no século X, mais possivelmente no ano de 937 segundo a *Crônica Anglo-saxônica*. Nela se opuseram as forças do rei Athelstan de Wessex e de seu irmão

valente e fisicamente forte que foi perseguido por uma má-sorte que o acompanhou por toda a vida e, sendo feito um fora da lei no início de sua trajetória por causa das maquinações de seus inimigos, manteve-se naqueles terríveis desertos, de que eu lhes falava, graças à força de sua coragem indomável e a uma espécie de generosidade hostil que o torna um personagem muito cativante. Mas de todas as sagas domésticas, a de Njal, o Queimado é certamente a melhor: os personagens, apesar de todas as suas falhas e até mesmo dos crimes cometidos por alguns, possuem um alto nível de nobreza e generosidade inigualável em qualquer narrativa. Talvez aumente o interesse pelo conto o fato de que o próprio Njal, também herói da primeira parte da narrativa, não seja um guerreiro, mas desempenha de início ao fim o papel do vizinho sábio, gentil e pacificador; seu amigo guerreiro Gunnar é o queridinho da história islandesa e, portanto, sem mais delongas, darei a vocês seu retrato desenhado pelo *sagaman*, visto que o conto confirma totalmente o que diz respeito às suas qualidades mentais e morais.

Havia um homem chamado Gunnar. Ele era parente de Unna, e o nome de sua mãe era Rannveig. O pai de Gunnar chamava-se Hamond. Gunnar Hamondsson⁷² morava em Lithend, em Fleetlithe⁷³. Ele era um homem alto e forte — o mais habilidoso com armas de todos os homens. Podia cortar, estocar ou atirar, se quisesse, tanto com a mão esquerda quanto com a direita, e golpeava com a espada com tamanha rapidez, que parecia haver três lâminas reluzindo no ar ao mesmo tempo. Era o melhor arqueiro entre todos os homens e nunca errava o alvo. Conseguia saltar mais alto do que sua própria altura, com todo o seu equipamento de guerra, e tanto para trás quanto para a frente. Nadava como uma foca, e não havia jogo em que valesse a pena alguém competir com ele; por isso, dizia-se que nenhum homem era páreo para ele. Tinha feições bonitas e pele clara. Seu nariz era reto e um pouco arrebitado na ponta. Ele tinha olhos azuis e vívidos, e bochechas rosadas. Seu cabelo era espesso e de boa cor, caindo em cachos graciosos. Ele era o mais cortês dos homens, de porte resistente e de boa vontade,

Edmundo contra as forças coligadas de Olavo Guthfrithson de Dublin e Constantino II da Escócia, cuja vitória foi de Athelstan, e os relatos da batalha, contidos principalmente na *Saga de Egill Skallagrímon*, mostram a participação de mercenários vikings. [...] A *Saga de Egill Skallagrímon* relata que o próprio Egill e seu irmão Thorolf se encontravam entre mercenários vikings a serviço do rei Athelstan” (Silva, 2017. pp. 83-84).

⁷² Literalmente Gunnar filho de Hammond, no original em nórdico-islandês: Gunnar Hámundarson.

⁷³ Morris visitou, durante sua primeira viagem à Islândia em 1871, os lugares das sagas, incluindo a região de Lithend. Relatos detalhados sobre experiência podem ser consultados em seus diários de viagens: Morris (1996. pp. 35-45).

generoso e gentil, um amigo leal, mas difícil de agradar quando se tratava de fazer favores. Era rico em bens.

Lamento dizer que, nessa história, as mulheres não desempenham um papel agradável; elas são as únicas que se envolvem em discussões; e Hallgerð Manto-Longo⁷⁴, esposa de Gunnar e também sua ruína, teve muitas maldições lançadas sobre seu túmulo às margens do estuário, perto de onde se ergue a moderna Reykjavík. No geral, devo dizer que o homem que ler essa história e não se comover com ela não tem o direito de opinar sobre tais assuntos.

A breve história de Gunnlaug, o Língua-de-Serpente tem praticamente a mesma qualidade, mas a paixão do amor desempenha um papel importante nela. A de Gisli, o Fora da Lei não é diferente, exceto por ser mais concisa: seu herói leva a vida e sucumbe de forma muito semelhante a Grettir.

Há outro conto, o de Howard, o Manco⁷⁵, que é maravilhosamente dramático; narra a história de um velho e a notável vingança que ele tomou contra um patife que assassinou seu filho, um jovem admirável e generoso. O Conto dos Homens Aliados⁷⁶ é um relato extremamente humorístico do triunfo de outro velho: desta vez pelo exercício de sua sagacidade inata sobre um grupo de chefes poderosos, mas um tanto estúpidos, que se apegaram ao filho do feitor, um homem com a mesma índole deles. Estas não são de forma alguma as únicas sagas que demonstram qualidades artísticas na narração, mas penso que são as melhores em termos de possuírem começo, meio e fim bem definidos.

⁷⁴ Morris chama de *Hallgerð Long-Coat* a Hallgerðr Höskuldsdóttir, que recebeu o epíteto de *Longbrók* (literalmente “Manto longo”) por ser caracterizada como uma mulher alta.

⁷⁵ Howarth é uma anglicização do nome Hávarðr, personagem principal da *Hávarðar saga Ísfirðings* (A saga de Hávarðr de Ísafjörður). Morris e Magnússon traduziram essa saga para o inglês, intitulando-a *The Story of Howard the Halt* (A História de Howard o Manco). Essa tradução pode ser consultada em: https://sagadb.org/havardar_saga_isfirdings.en Acesso em: 18 set 2025

⁷⁶ O que em inglês Morris chama de “*The Tale of the Banded Man*” refere-se à *Bandamanna saga* (Saga dos Homens Aliados). Morris e Magnússon traduziram essa saga para o inglês, intitulando-a *The Story of the Banded Man* (A História dos Homens Aliados). Essa tradução pode ser consultada em: https://sagadb.org/bandamanna_saga.en Acesso em: 18 set 2025.

A história dos moradores de Ere⁷⁷ é uma das mais interessantes entre as crônicas puras⁷⁸. A história dos moradores do vale de Lax⁷⁹ e a dos moradores do Vale da Água⁸⁰ também são muito interessantes; a primeira contém um relato muito tocante e belo, mas os detalhes da narrativa não lhe fazem justiça. Os detalhes da história dos moradores de Ere são tão bons quanto deveriam ser.

Além dessas sagas histórico-tradicionais, há algumas chamadas com desprezo pelos islandeses de *Skröksögur*⁸¹, ou seja, contos absurdos; em outras palavras, ficções. Pelo menos uma delas, a história de Viglund, a Bela⁸², é uma novela curta muito graciosa e encantadora.

Além de tudo isso e de muitas sagas perdidas, cujos nomes ainda permanecem, os islandeses fizeram algumas traduções. Uma das melhores histórias de Thomas Beckett⁸³ é em islandês. A forma mais antiga do conto medieval de Tristão e Isolda⁸⁴ é preservada em islandês, e vários romances medievais também foram traduzidos para essa língua. Em literatura de baladas e tradição puramente oral, não creio que sejam tão ricos quanto seus congêneres no continente; mas algumas baladas muito bonitas permanecem. Há, ainda, uma coleção muito interessante de histórias orais publicada há não muitos anos. Eu deveria ter mencionado a Crônica dos Sturlungos⁸⁵, às vezes chamada de Grande Saga, que conta a história do país até que ele perdeu suas antigas liberdades tribais e caiu nas garras dos reis da Noruega no século XIII.

⁷⁷ Refere-se à *Eyrbyggja saga* (Saga do povo de Eyri). Morris e Magnússon traduziram essa saga para o inglês, intitulando-a *The Saga of the Ere-Dwellers* (Saga dos moradores de Ere). Essa tradução pode ser consultada em: https://sagadb.org/eyrbyggja_saga.en Acesso em: 18 set 2025

⁷⁸ Acredito que com “crônicas puras” Morris quis se referir às sagas sobre as histórias ocorridas na Islândia, o que ele denominou de “sagas históricas” anteriormente.

⁷⁹ Morris menciona o termo “*Lax-dalers*”, semelhante ao título da saga a qual ele se refere, a *Laxdæla saga* (Saga do povo do Vale dos Salmões).

⁸⁰ *Vatnsdæla Saga* (Saga do povo do Vale da Água).

⁸¹ Morris menciona em inglês “*Skrok sagas*”. Optei por utilizar o termo conforme o nórdico-islandês antigo (singular: *skröksaga*, plural: *skröksögur*), que, de acordo com o dicionário de Geir Zoëga (2004, p. 382) significa “história fictícia, fabulosa”.

⁸² *Viglundar saga* (Saga de Víglundr). Morris e Magnússon traduziram essa saga para o inglês, intitulando-a *The Saga of Viglund the Fair* (Saga de Viglund a Bela): https://www.sagadb.org/viglundar_saga.en Acesso em: 19 set 2025

⁸³ Refere-se à *Thómas saga Erkebyskups* (Saga do Arcebispo Thomas).

⁸⁴ Refere-se à *Tristrams saga ok Ísoddar* (Saga de Tristão e Isolda).

⁸⁵ No texto de Morris está mencionado “*Song Chronicle of the Sturtings*”, sendo “*Sturtings*” um possível erro gráfico, visto a inexistência desse termo. Pela contextualização de Morris é possível identificar que ele se refere à *Sturlunga Saga* (Saga de Sturlung), uma compilação de sagas que narram histórias contemporâneas ao período em que foram escritas (séc. XII-XIII).

Depois disso, há pouca excelência literária até os tempos modernos, embora existam alguns volumes de anais, leitura bastante entediante. Um pequeno e curioso volume chamado *Tyrkjaráns Saga*⁸⁶ faz um relato da chegada dos piratas argelinos à ilha por volta de 1630 e constitui um comentário interessante sobre o estado da Europa naquela época.

Posso concluir dizendo algumas palavras sobre a condição atual da Islândia: eles têm sofrido bastante ali, ultimamente, com as intempéries das estações do ano. No entanto, não posso deixar de pensar que, apesar disso, eles conseguiriam viver muito confortavelmente ali se extinguissem o individualismo: a forma mais simples possível de comunidade cooperativa atenderia às suas necessidades e não deveria ser difícil de estabelecer, já que ali não há crime, nem classe criminosa ou degradada, e a educação é universal. E, a menos que, por alguma perversidade específica, a questão da política se interpusesse no caminho, as únicas pessoas que sairiam perdendo com isso seriam os atuais exploradores desse povo corajoso e gentil; e se esses homens fossem enviados para... bem, para Davy Jones⁸⁷, poucos lamentariam a sua partida. Digo isso com o sincero afeto que tenho pelo povo islandês, que me tratou com tanta gentileza quando estive entre eles, e que são descendentes, e com mérito, dos homens mais corajosos e dos melhores contadores de histórias que o mundo já conheceu.

Referências Bibliográficas:

Versão original utilizada para esta tradução:

MORRIS, William. The Early Literature of the North - Iceland. *The William Morris Internet Archive*. Works. 1887.
<https://www.marxists.org/archive/morris/works/1887/iceland.htm> Acesso em: 18 ago 2025

⁸⁶ Morris menciona o título dessa forma, no original. O título *Tyrkjaráns-Saga* pode ser traduzido para o português como “Saga da Incursão Turca”.

⁸⁷ Davy Jones é uma expressão do folclore marítimo inglês que significa “o fundo do mar”, onde estariam “enterrados” aqueles perdidos e mortos no mar. Consultado em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english/davy-jones> Acesso em: 19 set 2022

Bibliografia citada:

ACKER, Paul. A Very Animated Conversation on Icelandic Matters: the Saga Translations of William Morris and Eiríkr Magnússon. In: BOOS, Florence S. (Org.) *The Routledge Companion to William Morris*. New York / London: Routledge, 2021. pp. 332-342

HARRIS, Joseph. Eddic Poetry. CLOVER, Carol J.; LINDOW, John (Org.). *Old-Norse Icelandic Literature*. A Critical Guide. Ithaca/London: Cornell University Press, 1985. pp. 68-157.

LANGER, Johnni. História e sociedade nas sagas islandesas: perspectivas metodológicas. *Alétheia* - Revista de estudos sobre Antigüidade e Medievo, vol. 1, janeiro/julho, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/Aletheia/article/view/32> Acesso em: 23 set 2025

LANGER, Johnni. Ragnarök. In: LANGER, Johnni (Org). *Dicionário de Mitologia Nórdica*. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015. pp. 391-395

LANGER, Johnni. Sacerdócio. In: LANGER, Johnni (Org). *Dicionário de Mitologia Nórdica*. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015. pp. 426-427

LANGER, Johnni. Sagas Islandesas. In: LANGER, Johnni (Org). *Dicionário de Mitologia Nórdica*. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015. pp. 441-443

LeMIRE, Eugene (Ed.). *The Unpublished Lectures of William Morris*. Detroit: Wayne State University Press, 1969. p. 185

LINDOW, John. *O livro da Mitologia Nórdica*. Trad. Lukas Gabriel Grzybowski. Petrópolis: Vozes, 2019.

MACDONALD, Gillian E. Eco-socialism in the early poetry and prose of William Morris. Tese (Doutorado) – University of Dundee, 2015. Disponível em: <https://discovery.dundee.ac.uk/en/studentTheses/eco-socialism-in-the-early-poetry-and-prose-of-william-morris> Acesso em: 24 jan 2025

MALTAURO, Marlon Ângelo. Heimdallr. In: LANGER, Johnni (Org). *Dicionário de Mitologia Nórdica*. Símbolos, mitos e ritos. São Paulo: Hedra, 2015. p. 240.

MORRIS, William. *Icelandic Journals*. London: Mare's Nest, 1996. p. 158.

PRICE, Neil. *Vikings: A história definitiva dos povos do norte*. Trad. Renato Marques de Oliveira. São Paulo: Planeta, 2021.

PHELPSTEAD, Carl. Eddas, Sagas and Victorians. In: PARKER, Joanne; WAGNER, Corinna (Org.). *The Oxford Handbook of Victorian Medievalism*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

SAYRE, Robert; LÖWY, Michael. *Anticapitalismo romântico e natureza: o jardim encantado*. Trad. Rogério Bettoni. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

SILVA, Fábio Baldez. Batalha de Brunanburgh. In: LANGER, Johnni (Org). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017. pp. 83-84

SILVA, Fábio Baldez. Haroldo Cabelos Belos (Haraldr Hárfagri). In: LANGER, Johnni (Org). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017. pp. 360-362

ZIRONI, Alessandro. William Morris and The Poetic Edda. In: QUINN, Judy; CIPOLLA, Adele (Ed.). *Studies in the Transmission and Reception of Old Norse Literature: The Hyperborean Muse in European Culture*. Turnhout: Brepols, 2016. pp. 211-237

ZOËGA, Geir T. *A Concise Dictionary of Old Icelandic*. New York: Dover Publications, 2004.